

CADERNOS DE PSICOLOGIA
EDUCACIONAL

Coordenação: Eduardo J. R. Santos

I

UMA NOVA EPISTEMOLOGIA
PARA A
PSICOLOGIA VOCACIONAL

MARK L. SAVICKAS

Northeastern Ohio Universities College of Medicine
Rootstown, Ohio
U.S.A.

Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias, ULHT
Lisboa, 1995

CADERNOS DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Coordenação: Eduardo J. R. Santos

I

UMA NOVA EPISTEMOLOGIA
PARA A PSICOLOGIA VOCACIONAL (*)

MARK L. SAVICKAS

Northeastern Ohio Universities College of Medicine
Rootstown, Ohio
U.S.A.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ULHT Lisboa, 1995

(*) Tradução de Eduardo J. R. Santos do original — A new epistemology for Vocational Psychology

Título original: *A new epistemology for Vocational Psychology*

Autor: Mark L. Savickas

Tradução do original: Eduardo J. R. Santos

Design gráfico e capa: Paulo J. Alcobia Simões

Cadernos de Psicologia Educacional volume 1

1.^a edição — 1995

© Edições Universitárias Lusófonas

Tiragem 500 exemplares

Largo do Sequeira, N.º 7 Lisboa

Impressão e acabamento: Arte Composta, Lda.

Acabou de imprimir-se em Dezembro de 1995

Depósito Legal N.º 96367/95

ISBN 972-8296-09-6

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
NOTA BIOGRÁFICA	13
UMA NOVA EPISTEMOLOGIA PARA A PSICOLOGIA VOCACIONAL	14
A PSICOLOGIA VOCACIONAL E A VIRAGEM DO PÓS-MODERNISMO	15
A PSICOLOGIA VOCACIONAL NA ERA MODERNA	16
A VIRAGEM PÓS-MODERNA	19
QUADRO 1: ÉTICAS OCUPACIONAIS ATRAVÉS TRÊS ERAS ..	21
NOVAS ORIENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	22
OBJECTIVIDADE VERSUS PERSPECTIVIDADE	22
GENERALIDADE VERSUS PARTICULARIDADE	24
ESSÊNCIA VERSUS CONTEXTO	27
CONCEITOS VERSUS CONSTRUTOS	29
IMPLICAÇÕES DE UMA NOVA EPISTEMOLOGIA PARA A PSICOLOGIA VOCACIONAL	32
TEORIA	32
IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO	35
PRÁTICA	37
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40

PREFÁCIO

Este é o primeiro número dos *Cadernos de Psicologia Educacional*. Com esta iniciativa pretende a Área de Especialização em Psicologia da Educação e Orientação Vocacional abrir um espaço editorial de expressão científica e académica, consonante com o espírito de inovação da Licenciatura em Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. É, pois, um espaço aberto!

O primeiro número destes *Cadernos* é dedicado à reflexão sobre a pós-modernidade; parece-nos que nada melhor poderia acontecer numa Universidade que se quer muito mais que moderna. Este número resulta, ainda, da tradução para português de um original em língua inglesa de um conceituado autor dos USA; é também assim uma feliz materialização da expressão e da dimensão lusófona.

A estes factos acresce, igualmente, a associação de importantes personalidades no lançamento deste primeiro número. Ocorrendo no Dia da Psicologia Educacional, ULHT, contámos com a sempre bem-vinda presença do Prof. Doutor Leandro Almeida, Presidente da Direcção Nacional da Associação dos Psicólogos Portugueses (APPORT) e Professor da Universidade do Minho; contámos ainda com a distinta presença, e dos bons ofícios, do convidado Prof. Doutor David Blustein, do Department of Counseling Psychology da School of Education da State University of New York, at Albany, que no momento nos apresentou uma visão biográfica do autor deste trabalho.

Ao Prof. Doutor Mark Savickas, autor deste primeiro texto, a nossa imensa gratidão pelo valioso contributo e testemunho que nos entrega. Como não poderia ser de outro modo, este riquíssimo trabalho de reflexão epistemológica tem a marca de qualidade de um dos mais proeminentes estudiosos desta área. Não foi fácil a sua tradução tão densos

eram por vezes os seus pensamentos; em algumas passagens optámos pela manutenção em simultâneo das expressões originais, optando em outras, quando a tradução literal era desaconselhável, por frasear um pouco mais as ideias do autor. Esperamos que esta seja a semente para colaborações mais vastas.

A todos os que se entusiasmaram com este projecto, o nosso agradecimento, em especial ao Dr. Paulo Sargento e ao Dr. Paulo Alcobia.

Igualmente um obrigado à Direcção do Curso e ao Prof. Doutor Albino Lopes pelo seu apoio.

Ao Prof. Doutor Manuel Damásio, Administrador da ULHT, a nossa gratidão pela confiança depositada neste projecto.

Ao Digníssimo Reitor da ULHT, Prof. Doutor Fernando dos Santos Neves, aqui oferecemos este humilde contributo na instituição que nos acolhe.

Por último, aos leitores expressamos o desejo que este primeiro número dos **Cadernos de Psicologia Educacional** vos traga novas e pós-modernas perspectivas de reflexão e de acção.

NOTA BIOGRÁFICA

Mark L. Savickas, Ph. D., is professor and chair in the Behavioral Sciences Department at the Northeastern Ohio Universities College of Medicine and Adjunct Professor of Counseling at Kent State University. His 50 articles and 400 presentations to professional groups have dealt with vocational behavior and career counseling. He edits the *Career Development Quarterly* for the National Career Development Association and serves on editorial boards for the *Journal of Counseling Psychology*, *Journal of Vocational Behavior*, and *Journal of Career Assessment*. Along with R. W. Lent, he co-edited *Convergence in Career Development Theories* (1994). In 1994, he received the John L. Holland Award for Outstanding Achievement in Career and Personality Research from the Counseling Psychology Division of the American Psychological Association. He serves as U. S. National Correspondent for the International Association for Educational and Vocational Guidance and chairs the Career Psychology Special Interest Group in the Organizational Psychology Division of the International Association for Applied Psychology.

UMA NOVA EPISTEMOLOGIA PARA A PSICOLOGIA VOCACIONAL

No texto que agora apresentamos faz-se uma análise da epistemologia utilizada pela psicologia vocacional durante o século XX tendo em vista a produção de conhecimento, descrevendo-se de seguida o nascimento e desenvolvimento de novas orientações epistemológicas para a produção de conhecimento no século XXI. O primeiro terço do trabalho descreve a moderna filosofia da ciência que estrutura a psicologia vocacional contemporânea e considera os seus desafios actuais. O segundo terço descreve novas orientações epistemológicas que se oferecem como alternativas aos valores modernistas. A secção final deste texto discute como é que as novas orientações epistemológicas podem promover inovações para a teoria, pesquisa e prática vocacional, bem como estimular uma grande transição no projecto científico da psicologia vocacional.

Como tema central de toda esta análise estará o objecto da filosofia da ciência, enquanto "the study of how science works, or should work" (Runes, 1983, p. 191). A filosofia da ciência providencia o esquema formal para a construção de teorias e a condução da investigação, bem como a consciência crítica e a disciplina na comunicação de conceitos e de conclusões. Neste trabalho aborda-se o conceito de ciência assumido pela psicologia vocacional e o modo como as alterações nas correntes filosóficas provocam modificações nas orientações epistemológicas utilizadas por esta disciplina na produção de conhecimento sobre o desenvolvimento e o ajustamento vocacional.

Começemos então pela análise do modo como a transição da era industrial para a era da informação pode originar uma mudança filosófica.

A PSICOLOGIA VOCACIONAL E A VIRAGEM DO PÓS-MODERNISMO

O mundo está prestes a entrar na era pós-moderna, sendo, provavelmente, a viragem do milénio o marco que identificará o seu nascimento formal. A gestação da nova era vê-se em redor de todos nós. Por todo o mundo, os jornais dão-nos notícias sobre empresas oferecendo-se como centros de dia para crianças cujos pais trabalham; um número crescente de famílias necessita de um duplo vencimento por parte dos casais; cada vez mais gente trabalha em casa; e as profissões do tipo industrial desaparecem. Como complemento ao crescente entrelaçar dos papéis laborais e familiares, o trabalho em si envolve cada vez mais a resolução de problemas simbólicos. Todos os trabalhadores devem tornar-se em melhores comunicadores. Os trabalhadores da classe média são especialmente confrontados a trabalhar eficazmente com símbolos sob pena de se verem ultrapassados. Os países parecem estar a mover-se em direcção a sociedades de duas classes, que premeiam aqueles que trabalham com facilidade com símbolos, contra aqueles que apenas conseguem trabalhar com as suas mãos. Os trabalhadores irão competir numa economia global que é conduzida pela pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Para se adaptarem à nova era, as sociedades pós-industriais estão a transformar as suas culturas através da modificação do sentido atribuído ao conhecimento, à ciência, à autoridade e à diversidade. À medida que uma cultura modifica os seus padrões e histórias, os indivíduos devem adoptar novas visões. Para melhor servir os clientes que perceberão o mundo de maneira diferente da nossa geração, os psicólogos vocacionais estão a transformar a sua imagem e o seu repertório de competências. O paradigma filosófico da modernidade e as metodologias de produção de conhecimento inerentes prestaram um bom serviço à psicologia vocacional. De facto, a história da psicologia vocacional contemporânea está intimamente ligada ao método científico. A relação é tão forte que, historicamente, os psicólogos vocacionais

só se preocuparam acidentalmente com a filosofia da ciência. A moderna psicologia vocacional foi fundada por Parsons (1909) e desenvolvida sob a influência da lógica positivista. A tradição histórica do "dustbowl empiricism", promulgada pelos defensores da escola de Minnesota como Patterson, Williamson e Darley (Patterson, 1966), evitou a construção teórica e concentrou-se na medida e na predição enquanto *modus operandi* para o estabelecimento do "matching model", tanto na escolha como no ajustamento vocacional. Depois de virtualmente não ter sido colocada em causa durante o século XX, a lógica positivista tem sofrido severas críticas pela sua "atitude de colonização", atacada pela sua insuficiência em compreender a vida social e a organização societal (e.g., o colapso da União Soviética em 1989) e questionada relativamente aos seus enviesamentos. Estes desafios têm provocado uma maior consciência crítica entre os psicólogos vocacionais relativamente aos pressupostos filosóficos que estruturam a sua teoria, investigação e prática.

A aposta está, pois, na reflexão sobre o conhecimento. Os investigadores de inspiração positivista que dominam a psicologia vocacional não têm ainda razões suficientes para rejeitar ou modificar significativamente os métodos objectivos que elaboraram e, efectivamente, se aplicaram nos modernos inventários de interesses, testes de aptidão, escalas de maturidade de carreira e aconselhamento assistido por computador. Contudo, à medida que os tempos mudam, cada vez mais imperiosas razões impõem a reconsideração do paradigma objectivista na psicologia vocacional.

Antes de examinarmos as pressões sobre a moderna psicologia vocacional para se modificar, vejamos qual o ponto de vista filosófico que a orienta.

A PSICOLOGIA VOCACIONAL NA ERA MODERNA

A psicologia vocacional é uma criação da ciência do século XX. Como tal reflecte a ciência do seu tempo. Habitualmente, cita-se como seu nascimento a publicação em 1909 do livro de Parsons, *Choosing a Vocation*. Neste livro, Parsons funda a orientação vocacional como empreendimento científico através da apresentação de métodos de objectivação dos indivíduos e das ocupações, e em sequência, do ajustamento destes, utilizando o que se

designa por "true reasoning". Parsons não inventou o modelo de ajustamento, ele tornou-o científico e depois legitimou-o para o século XX.

Lysander Richards propôs em 1881 o estabelecimento de um campo designado por *Vocophy* no seu livro com o mesmo nome. Richards (1881, p.i) descreve este campo como correspondente a uma nova profissão que de um modo sistemático possibilitaria... "a person to name the calling or vocation one is best suited to follow". Assim, Richards procurou fundar a disciplina da psicologia vocacional sobre a base do modelo do ajustamento. Não obstante, ele é uma figura esquecida porque os seus métodos para ajustar pessoas a posições continuaram enraizados nos conceitos Românticos da filosofia do século XIX. Ele implementou o modelo do ajustamento através da extracção de sentido a partir do interior da pessoa com métodos como a fisiognomia e a frenologia. Estes métodos tornaram-se ultrapassados quando as pessoas se começaram a transferir das regiões agrícolas e das pequenas cidades para se ocuparem em profissões industriais em grandes cidades. Consequentemente, as ideias de Richards podem ser consideradas o pináculo da orientação vocacional do século XIX, mas não a fundação da psicologia vocacional do século XX.

O modernismo do século XX já não procurava sentido dentro do indivíduo, mas em vez disso buscava sentido no mundo. O positivismo proclamava que os factos objectivos existem e podem ser descobertos pelos investigadores, que "controlam" os seus enviesamentos e usam a metodologia científica para empiricamente testar as teorias. A verdade era concebida como um ser singular. A linguagem era utilizada para espelhar "a verdade" descoberta na realidade.

Parsons (1909) fundou a moderna psicologia vocacional através da aplicação das crenças da ciência moderna ao modelo do ajustamento. A sua maior contribuição foi infundir na orientação vocacional o paradigma da lógica positivista. Através da utilização de métodos racionais, Parsons mostrou aos seus colegas como (1) objectivar indivíduos pela categorização dos seus interesses, capacidades e valores, (2) descrever sistematicamente os traços necessários em determinadas ocupações, e (3) utilizar o apelidado "true reasoning" no ajustamento de pessoas a posições adequadas.

O paradigma moderno da ciência positivista serviu bastante bem a psicologia vocacional, porque se adaptou ao espírito da modernidade do século XX. Os psicólogos foram capazes de usar o método científico para estudar o comportamento vocacional utilizando medidas fidedignas, validação teórica, significância estatística e generalização alargada. Os

instrumentos da ciência moderna extraíam princípios abstractos e generalizados a partir de estudos de grandes grupos de indivíduos. Hoje, os princípios relativos à tomada de decisão ocupacional e à congruência constituem conhecimento fundamental para a psicologia vocacional. Na prática, os conselheiros aplicam estes princípios no ajustamento de pessoas a posições. Estes princípios teóricos, e correspondentes métodos de consulta psicológica, atingiram provavelmente o seu auge no trabalho de Holland (1985), um prodígio intelectual da escola de Darley e Minnesota, e o mais elegante comunicador dos contributos positivistas para a compreensão do comportamento vocacional.

A única transição de maior dimensão dentro da moderna psicologia vocacional ocorreu a meio século, quando Super (1953) encorajou os psicólogos vocacionais a deslocarem a sua atenção do ajustamento de pessoas a posições para o desenvolvimento de carreira dos indivíduos. Ele propôs que a psicologia vocacional alargasse a perspectiva das diferenças individuais, do modo como as pessoas e as ocupações se distinguem, para uma perspectiva mais extensa, do "life-span", do modo como as pessoas desenvolvem a sua vida ocupacional ao longo do tempo.

A chamada de atenção de Super para a mudança de enfoque da ocupação para a carreira operou um movimento bastante forte dentro da psicologia ocupacional. Este movimento produziu substancial literatura sobre desenvolvimento de carreira, numerosas medidas de avaliação da maturidade de carreira e métodos inovadores para a consulta psicológica desenvolvimentista. Nunca substituiu a orientação vocacional e os seus métodos de ajustamento, mas antes, expandiu o domínio da psicologia vocacional através da inclusão de adultos e de crianças. No entanto, e para além disso, a teoria, investigação e prática do desenvolvimento de carreira continuou a aplicar o paradigma filosófico da lógica positivista.

À medida que nos aproximamos do próximo milénio, as empresas onde as pessoas construíam as suas carreiras estão a diminuir na sua dimensão ("downsizing") ou a desaparecer. A economia global e o desenvolvimento das tecnologias de informação transportam-nas de sociedades industriais para sociedades pós-industriais. As pessoas não podem jamais contar com emprego ao longo da vida e um claro percurso de carreira e de promoções desde o primeiro emprego até à reforma. Existe até a questão, a ser examinada mais à frente, sobre se o construto de carreira tem ou não futuro. Devido às rápidas mudanças na sociedade, a psicologia vocacional do século XX pode estar a perder contacto com as preocupações reais dos indivíduos que serve.

Para tornar este desafio ainda maior, o investimento do século XX no método científico, que construiu a psicologia vocacional, começa a deteriorar-se. Certamente que as pessoas apreciam as contribuições da moderna ciência para a vida quotidiana – viagens aéreas, televisão, tecnologia médica, automóveis e electrodomésticos. Todavia, a ciência também nos trouxe armas nucleares, "bebés talidomida", desintegração da camada de ozono e ambientes poluídos. Simultaneamente, a ciência ganhou os louros dos sucessos da modernidade e desresponsabilizou-se pelas suas grandes tragédias. Os cientistas explicam esta situação reivindicando que os políticos e os responsáveis pela indústria causaram estas catástrofes pelo uso indevido do conhecimento científico. Agora, muitas pessoas na nossa sociedade acusam que a postura objectiva e livre de preconceitos da ciência moderna ultrapassou a sua utilidade. Estamos a entrar na era pós-moderna, e a sociedade necessita de experienciar outro paradigma filosófico, que coincida com o espírito deste tempo, como o positivismo correspondeu à modernidade. Este paradigma tem novas orientações epistemológicas para oferecer à psicologia vocacional, mas antes de descrevermos estas novas orientações para a produção do conhecimento, analisemos a postura filosófica mais geral proposta pelos estudiosos pós-modernos.

A VIRAGEM PÓS-MODERNA

A nova postura filosófica elaborada em disciplinas como a arquitectura, a física, a crítica literária, os estudos feministas e a pedagogia crítica é geralmente referenciada como "perspectivismo", "interpretativismo", ou "construtivismo". Neste texto, este conjunto de termos será referido como perspectivismo. O perspectivismo significa uma abordagem pós-estruturalista da ciência. Os estruturalistas acreditam que a mente humana é a mesma em toda a parte e, portanto, os factores culturais transversais ("crosscultural"), ou estruturas, explicam as comunalidades na cultura e no comportamento. Antropólogos, sociólogos e psicólogos estudam estas estruturas com o objectivo de identificarem as propriedades universais do psiquismo humano. O pensamento pós-moderno é pós-estruturalista porque procura o conhecimento particular, situado em contextos locais, e evita a pesquisa de princípios universais.

O pensamento pós-moderno pode explicitar-se, igualmente, como renúncia à crença moderna na capacidade única da ciência e do raciocínio objectivo em melhorar a vida comunitária. Em vez de subescrever esta esperança Iluminista, o pensamento pós-moderno subescreve a crença de que o conhecimento é uma produção ou construção social, de que a verdade depende do ponto de vista socialmente elaborado de cada um, e de que a ciência objectiva produz conhecimento a partir de um prisma ou de um ponto de vista, não a partir do prisma ou do ponto de vista único e exclusivo. Os factos não são nunca independentes do observador que os relata, nem das definições e das categorias providenciadas pela cultura do observador. Por consequência, o pensamento pós-moderno realça o particular sobre os princípios, práticas dotadas de utilidade sobre teorias generalistas e conhecimentos contextualizados sobre essências abstractas.

A descentração está no âmago do pensamento pós-moderno. Recordemos a obra de Piaget (Gruber & Vonèche, 1977), em que se descreve como os adolescentes se descentram a partir de uma perspectiva única para múltiplas perspectivas, experienciando uma nova visão do mundo que alarga os seus horizontes intelectuais e lhes fornece um maior poder para melhor compreenderem a vida. Por analogia, a descentração pós-moderna do "eles para nós", do "eu para o contexto" e da "única verdade para múltiplas realidades" permite aos estudiosos pós-positivistas encararem problemas antigos de novas maneiras e fornece-lhes força para abordarem a resolução dos problemas com um novo paradigma filosófico.

O Quadro 1, apresenta, para facilidade de comparação, três colunas onde se listam os elementos dominantes dos paradigmas filosóficos relativos ao trabalho durante as eras tradicional, moderna e pós-moderna. A conceptualização Romântica do século XIX percebia o sentido como algo de intrínseco à pessoa e, conseqüentemente, valorizava os sentimentos. A revolução da ciência moderna desenhava o sentido como algo localizado no mundo e, conseqüentemente, valorizava os factos. Agora, o perspectivismo pós-moderno postula que o sentido reside na palavra, porque a troca, o intercâmbio ou a comunicação linguística entre as pessoas constrói sentido. Portanto, o pós-modernismo valoriza perspectivas. O objectivo do conhecimento não é ser romanticamente criativo ou, cientificamente razoável; o novo objectivo é ser útil para a comunidade. Porque o conhecimento é produzido numa diversidade de comunidades interpretativas que partilham uma perspectiva local, e existem múltiplas

realidades, não verdades únicas. O conhecimento não é validado em relação à teoria, mas legitimado pela sua utilidade na acção. A questão romântica era "Como é que sente?". A questão moderna interroga "Será verdade?". As questões pós-modernas serão "Porque é que ela terá dito isso?", "Como é que é verdade?", "Para quem será útil?", "Poderia ser de outra maneira?" ...

QUADRO 1: ÉTICAS OCUPACIONAIS ATRAVÉS TRÊS ERAS

	ÉTICA VOCACIONAL TRADICIONAL	MODERNA ÉTICA DE CARREIRA	ÉTICA PÓS-MODERNA DO TRABALHO
Emprego	Agricultores e artesãos empregados por conta própria	Empregados em organizações	Trabalho em grupos
Filosofia	Conceptualismo romântico	Lógica positivista	Interpretativismo
Conhecimento	Sentido na pessoa	Sentido no mundo	Sentido nas palavras
Valores	Valorização dos sentimentos	Valorização dos factos	Valorização das perspectivas
Objectivos	Ser criativo	Ser racional	Estar em comunidade
Percurso	Sucesso através da expressão e do esforço individuais	Sucesso através da competição com os outros	Sucesso através da cooperação e da contribuição

NOVAS ORIENTAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

A secção intermédia deste texto descreverá quatro novas orientações epistemológicas que exprimem a postura filosófica do perspectivismo. As quatro orientações representam as crenças centrais do pensamento pós-moderno. As orientações abordam temas relativos à multiplicidade das perspectivas na produção do conhecimento, à legitimação do conhecimento pela prática e à vida quotidiana como contexto para o sentido.

OBJECTIVIDADE VERSUS PERSPECTIVIDADE

O pensamento pós-moderno rejeita a crença inocente numa realidade independente do observador e numa ciência livre de valores. O positivismo moderno age como se os cientistas pudessem "controlar" os seus enviesamentos na produção de conhecimento objectivo. O positivismo procura descobrir "a verdade" através da formulação de teorias racionais e, posteriormente, usando o método científico, confrontando-as com a realidade externa. O método científico obriga à exclusão nas investigações experimentais e nos relatórios da presença efectiva dos investigadores e das suas visões da realidade. O paradigma filosófico do perspectivismo ataca a pretensão de uma ciência isenta de valores. Em vez de pretenderem estar a produzir uma verdade objectiva, os psicólogos vocacionais devem agora fazer-se incluir e declarar a sua presença na pesquisa que conduzem. Eles devem interrogar-se sobre os seus enviesamentos, para se revelar como essas inclinações condicionam a selecção dos tópicos, as definições conceptuais e operacionais, o tipo de participantes na investigação, as análises de dados e a interpretação dos resultados. Além disso, as implicações do conhecimento em termos de raça, classe e sexo devem ser questionadas. Complementarmente ao anúncio da sua presença e ao questionamento dos seus enviesamentos, os investigadores devem, igualmente, explicar o destino a dar ao conhecimento;

para quem foi produzido o conhecimento e como é que este é significativo para esse grupo. Em resumo, os investigadores devem relatar por quem e para quem o conhecimento foi produzido.

Um corolário da crença na isenção de valores da observação é a ideia de uma realidade independente do observador. O perspectivismo pós-moderno subescreve um ponto de vista teórico (Harding, 1991), que é - a posição de onde observamos modela o que vemos. O conhecimento é socialmente construído e reflecte as condições históricas e sociais que definem o que "conta" como conhecimento e como é que o conhecimento é legitimado. A observação da realidade não pode ser independente do observador ou alheada dos seus pontos de vista. Mesmo na física, a mais racional das ciências, aceita-se esta nova orientação epistemológica. Gergen (1991, p. 89), ao referir-se ao princípio da incerteza explanado pelo físico Werner Heisenberg, escreveu que "the very attempt to measure the position and velocity of a particle will knock the particle about in unpredictable ways. In effect, there is no basic unit of matter to be observed independent of those who make the observation. Subject and object are inextricable linked".

O afastamento do pós-modernismo relativamente ao empenho numa ciência isenta de valores, e numa crença na realidade independente do observador, provocou uma grande controvérsia intelectual e alguma tensão pessoal entre aqueles que desejavam manter uma ciência positivista e (contra) aqueles que desejavam libertar-se do domínio da produção de conhecimento através do procedimento racional da ciência moderna. Os apologistas da ciência moderna argumentam que a ciência encarada do ponto de vista perspectivista leva ao relativismo radical: se todo o conhecimento é socialmente produzido, então a visão de todos é igual. Esta acusação de relativismo epistemológico conduzirá rapidamente a uma acusação adicional de relativismo moral.

Em resposta a esta acusação de relativismo radical, poder-se-á contrapor que o conhecimento é relacional, não privado, porque o sentido estabelece-se entre as pessoas. Uma teoria do conhecimento situada no construtivismo social/perspectivismo é por definição uma teoria relacional do conhecimento, mas não necessariamente uma teoria relativista do conhecimento (Grosz, 1988; Luke, 1992). A perspectividade não significa que o ponto de vista de cada um produz conhecimento de igual utilidade. Nós podemos ter relatividade epistemológica (i.e., todas as visões são socialmente produzidas) sem se degenerar na relatividade moral, se aceitarmos que nem todas as visões são igualmente válidas

(Bhaskar, 1989). Em matérias que requerem acção, uma comunidade interpretativa deve fazer esforços relativamente ao que funciona melhor.

Outra defesa contra a acusação de relativismo radical diz respeito às finalidades do perspectivismo. O perspectivismo procura aumentar a objectividade, não substituí-la. O perspectivismo reconhece e encara o objectivismo como uma abordagem do conhecimento, mas não a única abordagem. Identificando e questionando o ponto de vista ou a perspectiva do investigador que aplica métodos positivistas para a produção de conhecimento, aumenta-se efectivamente o rigor do objectivismo. A investigação, reconhecida como socialmente situada, pode ser realizada de um modo mais objectivo, embora não isenta. Harding (1991) refere-se ao objectivismo socialmente situado como objectividade forte, em contraste com a objectividade fraca do paradigma da isenção valorativa relativamente à produção de conhecimento. Necessitamos desta objectividade forte para racionalmente diferenciarmos mais a verdade parcial e menos distorcida. Os rigores da busca empírica do conhecimento levam-nos à máxima objectividade e utilidade. Isto está de acordo com a finalidade primordial do projecto modernista, nomeadamente o objectivo de Descartes no uso da razão como guia para a prática (Cascardi, 1992, p. 29).

GENERALIDADE VERSUS PARTICULARIDADE

O projecto pós-modernista recoloca a ênfase na finalidade da ciência como um guia para a prática. Engendra um novo tipo de pragmatismo (Gavin, 1992), baseado no desenvolvimento dos valores de cada um no mundo, não na eficiência. Consequentemente, a postura filosófica pós-moderna insiste no facto de que os investigadores devem assegurar-se de que as suas ideias funcionam. A procura de conhecimento, socialmente construído e mantido, muda a pesquisa da generalidade da testagem de princípios teóricos para a particularidade das análises de práticas situadas localmente e que são úteis em circunstâncias específicas. Em vez de testar empiricamente princípios para validar teorias abstractas, o perspectivismo desloca a atenção para a produção de registos instrutivos a partir dos quais se possam extrair práticas efectivas. Para evitar o solipsismo, o pensamento pós-moderno exige novos critérios de legitimação do conhecimento. A ciência positivista valida o conhecimento em referência à teoria. A ciência perspectivista legitima o conhecimen-

to pela sua utilidade quando implementado na acção.

Aplicando a orientação epistemológica que realça o conhecimento particular e legitimando-o através da sua utilidade, aumenta-se bastante o valor da investigação em psicologia vocacional para os técnicos que trabalham com uma grande diversidade de clientes. Este tipo de pesquisa funciona como um tipo de prática, embora à distância (Nespor & Garrison, 1992; Latour, 1987). Em vez de se tentar perceber como se deve aplicar a teoria à prática depois da acumulação de factos, os investigadores poderiam planificar estudos tendo em mente a prática e a sua utilidade social. Mais, esta segunda orientação reforça a primeira, relativa ao acompanhamento dos relatórios com declarações explícitas que descrevem para quem a investigação foi produzida e como é que ela poderá tornar-se útil.

A ênfase no conhecimento útil pode remediar a crescente separação entre a psicologia vocacional, enquanto ciência básica, e a consulta psicológica de carreira, enquanto ciência aplicada (Savickas, 1994). No desenvolvimento de teorias da escolha de carreira e ajustamento, a finalidade tem sido a procura de princípios orientadores da prática. Estes princípios estão usualmente "abstraídos" das circunstâncias locais, isto é, descontextualizados e presumindo-se como universalmente aplicáveis. Exemplos destes princípios incluem conceitos abstractos como identidade vocacional, congruência, maturidade de carreira e motivação intrínseca. A noção que se criou é a de que os conselheiros podem usar estes princípios para orientarem as suas intervenções com todos os clientes. A intervenção inicia-se com o desenvolvimento no "interior" do cliente das atitudes prescritas e competências da tomada de decisão racional e realista. É claro que os conselheiros encontram algumas dificuldades no uso destes conceitos abstractos com todos os seus clientes. Os conceitos são especialmente difíceis de utilizar em sociedades que experienciam recessão económica e processos de diminuição de efectivos nas empresas. Os conceitos são ainda mais difíceis de aplicar com indivíduos que se diferenciam por características étnicas, raciais, religiosas e sexuais relativamente aos investigadores que descobriram e pesquisaram estes conceitos.

Parte do problema na tentativa de aplicação de princípios gerais a clientes particulares reside no facto de que os conceitos científicos podem não ser suficientemente compreensivos e integradores dos relatos autênticos narrados pelos clientes sobre as suas experiências. O positivismo e a ciência moderna "leaves inaccessible to judgment the entire range of phenomena associated with values, desire, and will" (Cascardi,

1992, p. 36). O pensamento pós-moderno poderá enriquecer o objectivo de conceptualização do comportamento vocacional através de um entendimento suplementar das finalidades subjectivas dos actores.

Ao privilegiar teorias gerais, a psicologia vocacional positivista foca-se em concepções objectivas e normativas do indivíduo, usando conceitos tais como traços e aptidões. As teorias traço-factor atribuem a recorrente uniformidade ou constância no comportamento social de uma pessoa à estrutura da personalidade. As dimensões subjacentes que estruturam os agrupamentos comportamentais são designadas por traços. Os observadores científicos, e leigos, de um actor codificam as impressões recolhidas do comportamento social desse sujeito num vocabulário de traços. Por exemplo, um observador poderá atribuir a um comportamento de uma pessoa o traço de honestidade. De acordo com Hogan (1983, p. 60), "the primary function of trait ascription is to evaluate other people, specifically, to evaluate their potential as resources for the group". Portanto, num grupo que divide o trabalho entre os seus membros, os traços podem ser usados para a atribuição de papéis laborais.

Ao identificar particularidades, a psicologia vocacional pós-moderna opera a partir de uma perspectiva subjectivista. Procura compreender o comportamento vocacional a partir do ponto de vista do actor e dentro do contexto das circunstâncias locais. Os agrupamentos ou conjuntos de comportamentos, que são explicados por traços a partir da perspectiva objectivista, são explanados pelos actores como acções intencionais. Os indivíduos não usam as diferenças entre eles e os outros para explicarem a si próprios o seu comportamento. De facto, as diferenças individuais não existem para os indivíduos. Sem uma informação retroactiva ("feedback") objectiva por parte dos conselheiros sobre a sua posição relativa na curva normal, as pessoas habitualmente não discriminam ou percebem de um modo sensível a sua posição relativamente a outras pessoas no quadro de uma taxonomia de traços. Do que elas se apercebem são das suas próprias necessidades e objectivos como sendo a razão do seu comportamento. Finalidade ou sentido, não traços, estruturam as explicações causais dos actores.

Parte do ponto de vista particular do actor emerge do contexto no qual a pessoa está situada. Por conseguinte, ao privilegiar as particularidades sobre as generalidades, o pensamento pós-moderno realça os conhecimentos locais, socialmente situados, em vez dos princípios abstractos e descontextualizados.

ESSÊNCIA VERSUS CONTEXTO

Em vez de procurarem impor ao mundo conceitos generalistas, os estudiosos pós-modernos procuram aprender como as comunidades constroem e mantêm o sentido em contextos locais. Em concordância com esta postura, a ênfase é colocada na descentração das definições abstratas, e identidades em essência, para o contexto social e as circunstâncias singulares. As recentes e dramáticas transformações das condições sociais e históricas têm sensibilizados os psicólogos vocacionais para a importância da cultura. A cultura não é uma variável, como a etnia ou a classe social; a cultura é o contexto do sentido. Duas recentes contribuições para o discurso sobre o comportamento vocacional procuram seguir a orientação epistemológica pós-moderna que coloca o contexto em primeiro plano – uma trata da incrustação ("embeddedness"), a outra trata de potencialidades ("affordances").

Vondracek e Fouad (1994, p. 212) inscrevem o construto de "embeddedness" como uma perspectiva para a psicologia vocacional pós-moderna - "The basic idea of embeddedness is that the key phenomena of human life exist at multiple levels of analysis (e.g., biological, individual-psychological, dyadic, organizational, social, societal, cultural, physical-ecological, historical)". Estas variáveis e processos interagem constantemente em espirais recíprocas; nenhuma delas pode ser identificada como a causa do comportamento vocacional. Como Vondracek e Fouad (1994, p. 211) afirmam, a utilização de construtos como o de incrustação contextualiza o comportamento vocacional e "facilitates the study of diverse people in the real world".

O construto de Gibson (1982) de "affordance" foi também identificado (Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986; Spokane, 1994) como tendo a característica de poder refocar a perspectiva da psicologia vocacional do eu para o contexto. Gibson define "affordances" (potencialidades) como utilidades funcionais ou possibilidades de acção oferecidas pelo meio físico ou social. Walsh e Chartrand (1994) sugerem que os psicólogos vocacionais devem reconceptualizar a congruência pessoa-posição através do ajustamento de objectivos e rotas (planos) seleccionados pelo indivíduo com as potencialidades de desenvolvimento oferecidas pela estrutura social de oportunidades.

Através do uso de construtos como incrustação e potencialidades, os psicólogos centram-se nas actividades quotidianas de cada um. Featherstone (1992, p. 160-161) caracterizava a vida quotidiana como

"repetitive taken-for-granted experiences, beliefs, and practices", especialmente as actividades de reprodução e de manutenção doméstica que suportam outros mundos, como os locais ocupacionais e educacionais. Este autor faz notar que, evidentemente, são as mulheres que desempenham muitas destas actividades, em contraste com o trabalho épico do herói que sai de casa, conquista dragões e volta ao lar. Schutz (1973) descreve o mundo do senso comum do quotidiano como um mundo de acção social.

E quais são as acções da vida quotidiana que pertencem ao âmago da psicologia vocacional? Num persuasivo artigo, Richardson (1993, p. 425) respondeu a esta questão afirmando que a nova postura para a psicologia vocacional deveria ser o estudo do trabalho inserido no quotidiano das pessoas; esta autora defende que a psicologia vocacional, se quer continuar a ser relevante para as preocupações reais das pessoas, necessita fazer uma "transition from the study of careers predominantly located in the occupational structure, to a focus on the study of work in people's lives in which work is considered to be a central human activity that is not tied to or solely located in the occupational structure". Richardson argumenta que estudos conduzidos sob este prisma podem remediar os problemas das investigações sobre a carreira; em particular, o enviesamento da classe média ao definir as carreiras como uma progressão desenvolvimentista ao longo do tempo e a marginalização do "trabalho feminino" desempenhado no lar e na comunidade, mas fora da estrutura ocupacional. A autora compara a transição das carreiras para o trabalho à transição que Super (1953) realizou no meio do século quando deslocou o foco da psicologia vocacional das ocupações para as carreiras. A transição advogada por Richardson realça a perspectividade, particularidade, e contexto. Assim sendo, a autora faz das investigações sobre a carreira uma sub-especialidade dentro de uma mais alargada psicologia do trabalho. Richardson subescreve também a preocupação e contestação pós-moderna relativamente ao significado de palavras e definições, extremamente críticas para o campo, que os psicólogos vocacionais delinearam previamente em outro contexto histórico e social, mas que continuam a utilizar ainda hoje.

CONCEITOS VERSUS CONSTRUTOS

O pensamento pós-moderno alerta-nos para o papel da linguagem ou, numa afirmação mais dramática, para a tirania das palavras. Por exemplo, Gavin (1992, p. 72) escreveu que "there is a sense in which a person creates reality by naming it, by molding it linguistically. This may pose new problems, but it renders inadequate the doctrine that the only purpose of language is the impartial description of events"; nós compreendemos agora que os conceitos linguísticos e as suas definições não espelham a realidade, inscrevem aí sentido - estávamos convencidos que utilizávamos a nossa maestria na linguagem para "name the animals and thereby establish dominion over them". No entanto, o que se verifica é que a linguagem também nos domina, talvez mais do que nós a dominamos.

Os estudiosos pós-modernos utilizam o termo "hegemonia" para denunciar o uso da linguagem como meio de estabelecimento do senso comum na definição das situações e necessidades sociais. De acordo com Fraser (1992, p. 53), a hegemonia expressa "the advantaged position of dominant social groups with respect to discourse. This power affects the production and the circulation of social meaning". A ciência positivista, enquanto filosofia dominante da ciência, expressa um tipo de hegemonia no modo como escolhe e depois define e classifica os seus conceitos.

A palavra conceito ("concept") denota que algo na natureza foi descoberto e nomeado. Mas, os estudiosos pós-modernos avisam-nos que os conceitos não reflectem a realidade directamente, eles re-presentam-na através dos filtros do nosso vocabulário previamente seleccionado. Os estudiosos pós-modernos usam o termo "construto" para fazer realçar esta componente pessoal e cultural da elaboração do sentido ("meaning making"). Os construtos (enquanto opostos dos conceitos) que nós utilizamos, sensibilizam-nos para percebermos certas coisas e outras não. Nós vemos o que conhecemos e não vemos o que não definimos. As ideias e os sentimentos não conceptualizados ficam sem expressão. Portanto, a linguagem rodeia-nos como uma cápsula, as palavras isolam-nos da experiência e os conceitos constroem-nos dentro da nossa cultura.

A linguagem tem um maior poder de modelação que o pensamento, predispõe para a acção. Os construtos que utilizamos apresentam alternativas comportamentais e constroem possíveis linhas de acção. Por exemplo, nos USA os homossexuais, as lésbicas e os indivíduos bissexuais combatem a homofobia e a repressão sexual através do esforço de modi-

ficção da expressão preferência sexual para orientação sexual. Preferência e orientação inscrevem diferentes sentidos – a primeira está conotada com escolha, enquanto a segunda tem implicações biológicas. Do mesmo modo, os Alcoólicos Anónimos combatem o preconceito contra o alcoolismo através da sua designação enquanto doença; os que conseguem sucesso na sua recuperação e atribuíam o seu estado à doença não se vêem posteriormente imersos em complexas controvérsias do foro da falta de vontade própria ou de afirmação pessoal.

Na psicologia vocacional palavras como carreira e definições de trabalho dominaram-nos demasiado tempo. Considere-se a recente análise social da definição de trabalho apresentada por Richardson (1993). A autora revela o androcentrismo das modernas definições de trabalho. Richardson estabelece uma analogia com a reflexão de Gilligan (1982) e de outros relativamente às definições de raciocínio moral a partir de uma base relacional, privilegiando nas suas definições o cuidado/protecção e a ligação aos outros, em oposição à utilização androcêntrica dos conceitos de justiça e autonomia. Através de um procedimento analógico, Richardson colocou a descoberto algo que tem sido obscurecido por distorções machistas relativamente ao trabalho e ao seu significado. O trabalho é mais do que a realização dos indivíduos pelo esforço ou sublimação da agressão na senda de resultados futuros. Richardson partilha a opinião daqueles que consideram que o trabalho é uma contribuição para a comunidade e uma actividade social que cria relações interpessoais entre os indivíduos. A autora inscreve aí o que designa por "caring work", análogo em alguns aspectos à moralidade relacional, pois não é o alcançar de metas individuais o ponto central, mas a manutenção da própria sociedade. Ao reflectir sobre estas questões, eu fui profundamente estimulado a reconsiderar a minha própria definição de trabalho (Savickas, 1991), uma definição que agora me parece demasiado individualista, abstracta, descontextualizada e universal.

O pensamento pós-moderno problematiza os conceitos e definições que formavam a estrutura assumptiva da psicologia vocacional ao apelidá-los por construtos. Procura-se "des-construir" estas definições e conceitos, destruindo-os e reconstruindo novos sentidos a partir das ruínas. Em coerência com esta posição, os estudiosos pós-modernos em diferentes campos "des-constroem" os conceitos chave que dominaram o discurso oficial. Seguindo a orientação epistemológica que desafia a hegemonia dos meios linguísticos, nas palavras de Lather (1991), procura-se ago-

ra transformar unidades em multiplicidades, clareza em ambiguidades e simplicidades unívocas em complexidades polifónicas.

Consideremos a título de exemplo o conceito de "carreira". Carreira, tal como é definida nas culturas Eurocênticas, implica simultaneamente uma orientação futura e a liberdade para escolher um percurso ocupacional. Esta definição ajusta-se perfeitamente à cultura corporativa do século XX dominada por um grupo homogéneo, criado por aquilo que se designa por "melting pot" da sociedade norte-americana. As sociedades não são mais unívocas. Elas consistem em múltiplas culturas, cada uma com a sua diferente expressão. A nova metáfora que substitui o "melting pot" é a "salad bowl" na qual muitos elementos se misturam, embora cada um conservando a sua identidade. Quando culturas orientadas para o presente ou para o passado se deparam com a carreira tal como nós a definimos, ficam surpreendidas e confusas. Porquê o adiamento das gratificações para o futuro, porquê ainda a centração na gratificação individual em vez de se pensar no espírito e no bem do grupo? Membros de culturas colectivistas pontuam pouco em inventários de maturidade de carreira que recompensam a ênfase na autonomia, na realização e no sucesso em vez da ligação, cooperação e contribuição sociais. Será que ainda teremos de os diagnosticar como imaturos? Este é um bom exemplo da hegemonia exercida através de definições de controlo. Sim, eles têm sido claramente diagnosticados como imaturos ou, para usar uma palavra mais suave, atrasados no seu desenvolvimento. Eles continuarão a ser assim, quando avaliados por aqueles que recusarem a reconsideração do sentido da carreira em resposta à pluralidade pós-moderna de perspectivas.

IMPLICAÇÕES DE UMA NOVA EPISTEMOLOGIA PARA A PSICOLOGIA VOCACIONAL

Na secção final deste texto consideram-se possíveis implicações das novas orientações epistemológicas. Recapitulando, as quatro orientações são as seguintes:

- **PERSPECTIVIDADE**— procura de uma objectividade forte através da declaração para quem e por quem o conhecimento é produzido.
- **PARTICULARIDADE** — ênfase na utilidade das práticas relativas a circunstâncias particulares.
- **CONTEXTO** — privilégio da incrustação dos indivíduos nos contextos e nas potencialidades oferecidas por estes.
- **CONSTRUTOS** — problematização dos conceitos e definições centrais.

As implicações destas orientações serão articuladas aos níveis da teoria, investigação, e prática na psicologia vocacional. À medida que nos movemos para o novo século, o positivismo continuará a dominar o nosso campo. No entanto, o perspectivismo começa a ter o seu impacto. De momento este impacto não vai no sentido de desafiar radicalmente o paradigma filosófico existente, mas no de o enriquecer. Prevejo que nas próximas décadas, o perspectivismo eventualmente se afirmará em igualdade de posições com o positivismo e, talvez, possa substituí-lo enquanto novo paradigma filosófico.

TEORIA

A teoria de carreira encontra-se numa encruzilhada. De um lado, a teoria de carreira tem sido observada como convergindo em diferentes

aspectos essenciais e poderá tornar-se numa ciência unificada, como toda a ciência psicológica o procura (Staats, 1991). Osipow (1990) identificou caminhos específicos pelos quais as teorias de carreira convergiram e a sua opinião teve eco no trabalho de teóricos como Super (1992) e Krumboltz e Nichols (1990), tendo sido, igualmente, bem recebido por analistas como Borgen (1991). Uma conferência sobre a convergência teórica produziu muitas ideias úteis para o avanço do projecto modernista do estudo do desenvolvimento de carreira (Savickas & Lent, 1994).

Por outro lado, alguns indivíduos questionam-se sobre se o conceito de carreira tem futuro. À medida que as grandes organizações que sustentam as carreiras tendem a desaparecer, o conceito de um percurso ocupacional de carreira no âmbito de uma única organização será perdença, cada vez mais, de poucas pessoas. Colocada no seu contexto, a carreira é uma estrutura de vida que surgiu emparelhada com a forma de organização burocrática das grandes instituições. Os conceitos da rede nomológica da carreira retiveram as distorções androcêntricas e da classe média; eles tiveram a sua origem e ainda se ajustam melhor aos homens da classe média. Nas últimas duas décadas têm-se visto os teóricos a tentar alargar o conceito de carreira para compreenderem o trabalho nas vidas das mulheres da classe média. De algum modo, o conceito de carreira acomoda-se às suas experiências. No entanto, este conceito vacila quando aplicado a casais com carreiras duplas ("dual career couples"), e quando referenciado ao balanço e interacção entre os papéis familiares e laborais e à ética cooperativa para o desenvolvimento humano. Quando se tenta alargar o construto para além da classe média Eurocêntrica, ele torna-se menos útil. A própria noção de carreira subjectiva entre grupos socialmente desfavorecidos é algo de trivial e sem significado. Não é que estes indivíduos não trabalhem, eles apenas não possuem uma perspectiva dinâmica, movente, do seu passado, presente e futuro vocacional, em que a ocupação é um instrumento de articulação de um tema integrativo e de desenvolvimento de um projecto de vida.

Se o construto de carreira está tão intimamente ligado à moderna sociedade do século XX, o que é que o poderá substituir no âmbito da teoria vocacional para a era pós-moderna? Duas tentativas de resposta emergiram. A primeira resposta vem da posição modernista alargando a definição e contextualizando-a. A segunda resposta vem da posição pós-modernista e tenta delimitar a definição e desenhar um novo contexto para ela.

Super (1953), que levou a psicologia vocacional a centrar-se na carreira, providenciou a resposta alargada. Super (1992, p. 35) afirma que "societies, like careers, develop", portanto, "what else can one do but accept, adapt, and contribute to change in the hope of making the future better?". Ele adaptou o conceito de carreira para a psicologia vocacional pós-moderna através do alargamento da definição de carreira, integrando nove papéis de vida-carreira ("life-career roles"), não apenas actividades ocupacionais. Isto permitiu-lhe perguntar: Qual a saliência do papel laboral no "arco-íris" dos papéis de vida? Se o papel laboral não é saliente para o indivíduo ou um grupo, então o conceito de carreira e as suas medidas operacionais de maturidade (de carreira) não estão no mesmo caminho, não são convergentes, são realidades distintas. Complementarmente ao destaque dado ao novo construto de saliência do papel ("role salience"), esta contextualização do papel laboral permitiu-lhe rever a sua noção de maturidade. No final do seu percurso académico, Super dedicou bastante tempo à elaboração do novo construto de adaptabilidade de carreira ("career adaptability"). Os escritos de Super fornecem-nos uma clara visão de como proporcionar futuro ao conceito de carreira nos tempos pós-modernos, nomeadamente através da sua redefinição e colocação entre outros importantes papéis de vida.

Uma resposta alternativa à questão do futuro da teoria de carreira recusa espalhar o conceito e a sua posição central na teoria vocacional. Em vez disso, Richardson (1993, p. 428) coloca o conceito de carreira numa posição periférica ao teorizar sobre o trabalho e o seu impacto na vida das pessoas; centrando-se nas actividades laborais, em vez dos papéis ocupacionais, a autora destaca... "the multiple contexts of any one individual's life". Richardson afirma que a psicologia vocacional tem que tomar um novo rumo porque, expandir a "conceptual umbrella of career" como Super faz, ainda continua a estabelecer a equivalência do trabalho a um papel ocupacional. A autora alerta-nos para o facto de que ignorarmos o trabalho realizado fora da estrutura ocupacional (e.g., trabalho doméstico e trabalho voluntário na comunidade) vai perpetuar um enviesamento que privilegia o trabalho desempenhado na estrutura ocupacional, desvalorizando, entretanto, o trabalho desempenhado noutros domínios ou ambientes.

Independentemente da preferência do leitor pelas duas posições, o conceito de carreira foi claramente problematizado por um discurso que o "des-mitologizou", "des-legitimou" e "des-construiu". Se quisermos inscrever um novo significado para o construto de carreira, então a teorização

necessitará de ser modelada pela sabedoria providenciada pela revisão modernista de Super e pelo redireccionamento pós-modernista de Richardson.

IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO

A adopção das novas orientações epistemológicas aqui descritas iriam refocar completamente o impulso da pesquisa em psicologia vocacional. O projecto modernista na psicologia vocacional procura testar empiricamente as teorias de carreira para produzir princípios descontextualizados e abstractos e conhecimento universal sobre a estrutura nuclear desta. Este projecto produziu imensos conhecimentos sobre princípios respeitantes à carreira como a congruência, consistência, coerência, identidade vocacional e tarefas de desenvolvimento. Estes elegantes princípios e conceitos abrangem o comportamento vocacional de largos segmentos da população. No entanto, eles não cobrem o comportamento vocacional de muitos e diversos grupos, especialmente daqueles de outras culturas ou daqueles que dentro das sociedades Ocidentais sofrem os efeitos da tríade opressiva do sexismo, racismo e pobreza. Em vez de um conhecimento universal validado pela teoria, os estudiosos pós-modernos procuram investigar no sentido da produção de conhecimento local legitimado pela sua utilidade em situações específicas.

Por conseguinte, as novas orientações epistemológicas para a produção de conhecimento começam por encorajar a selecção de tópicos que tenham em atenção as actividades quotidianas de trabalho em situações particulares, não a testagem de teorias gerais com o auxílio de amostragens aleatórias de sujeitos. Em consequência, a ênfase na particularidade e no contexto transforma a relação entre o pesquisador e os sujeitos numa colaboração entre o investigador e os narradores ("informants"). O investigador funciona como um observador participante procurando compreender e aprender a partir do narrador. Em vez de examinar e avaliar os sujeitos, os investigadores entram em contacto com os narradores e com os detalhes específicos das suas actividades quotidianas (Shotter, 1992). Tipicamente, esta investigação qualitativa envolve o inquérito aos narradores sobre relatos e histórias relativas às suas experiências e técnicas com que lidam com as situações. Os investigadores processam posteriormente estas informações para extrair temas e pontos importantes que

caracterizam o conhecimento narrativo de uma comunidade interpretativa. Os narradores, e outros membros da comunidade, "editam" depois o conhecimento depurado para propósitos de rigor e de clareza.

A literatura embrionária que estuda o trabalho e a carreira nesta perspectiva descreve tarefas e técnicas adaptativas inerentes à produção do trabalho diário. Exemplos deste tipo de investigação podem ser encontrados em artigos que abordam temas ligados à "inteligência prática". Por exemplo, Wagner e Sternberg (1985) investigaram a inteligência prática e o conhecimento tácito no local de trabalho. Estes autores procuraram compreender porque é que os indivíduos com desempenhos excepcionais na escola, por vezes, apenas atingem sucesso moderado numa ocupação. Wagner e Sternberg avançam razões no sentido de que os testes de inteligência têm baixo valor preditivo, e de que o conhecimento tácito explica a variância restante. Consequentemente, estes autores estudaram a inteligência prática na profissão através da recolha de relatos sobre o conhecimento tácito que produz o sucesso de carreira em duas ocupações. Foram inquiridos gestores financeiros de elevado sucesso e professores de psicologia tendo em vista "to be describe typical work-related situations and their responses to them". A partir destes relatos extraíram empiricamente conhecimentos tácitos. Tendo produzido conhecimento sobre a inteligência prática num tipo particular de circunstância, estes autores viraram a sua atenção para o modo como outras pessoas na mesma ocupação poderiam adquirir este conhecimento tão útil.

Um estudo inspirado por Wagner e Sternberg (1985) identificou o conhecimento utilizado por 50 indivíduos no âmbito de uma comunidade interpretativa para resolverem seis tarefas de desenvolvimento vocacional durante o estágio de estabelecimento (de carreira). Dix (1992) produziu conhecimento bastante útil sobre o modo como se poderá lidar com sucesso com estas tarefas numa comunidade em particular. O seu objectivo era o de desenvolver programas que guiassem a transmissão de conhecimento para outras pessoas na mesma comunidade e investigar se este conhecimento era útil para eles nas suas carreiras, não generalizar para uma teoria de carreira.

Estudos similares têm abordado "os momentos mais importantes" nas sessões de consulta psicológica de carreira, "melhores práticas" para a optimização da intervenção de carreira e "estratégias efectivas" em tipos específicos de organizações. Estes estudos partilham um interesse em providenciar conhecimentos locais sobre a vida quotidiana de trabalho, que serão úteis em situações e circunstâncias específicas.

PRÁTICA

Os psicólogos vocacionais estão a adaptar e a expandir a avaliação psicológica de carreira e a consulta psicológica de carreira de molde a que se posicionem como trabalhadores de cultura ("cultural workers") no século XXI. Olhando para as inovações contemporâneas na avaliação e consulta de carreira positivista através do filtro das novas orientações epistemológicas, revelam-se algumas novidades que tornam o positivismo mais responsivo às vidas quotidianas dos clientes de hoje. No que diz respeito às práticas de avaliação psicológica de carreira, irei tomar os inventários de interesse como exemplo. Eles continuam a ser um dos produtos mais úteis da psicologia vocacional positivista. Para se manterem úteis na era pós-moderna, eles estão a ser adaptados e enriquecidos.

Como resposta às mudanças na sociedade, os especialistas na construção de inventários de interesse estão a modificar as suas metodologias. Consideremos dois inventários amplamente utilizados: o Strong Interest Inventory e o Kuder Occupational Interest Inventory. Kuder construiu a sua carreira sobre a tecnologia objectivista da moderna ciência ao elaborar inventários de interesse que ajustavam os indivíduos aos grupos empregados em agrupamentos ocupacionais seleccionados. No entanto, mais tarde na sua carreira, Kuder (1977) propôs que os indivíduos fossem confrontados com outros indivíduos. Esta avaliação e ajustamento pessoa-a-pessoa particulariza e contextualiza a avaliação dos interesses. O modelo sincrítico do ajustamento (Seling, 1980) identifica indivíduos que se assemelham ao cliente e depois oferece a esse cliente relatos narrativos sobre as histórias de vida e os percursos de carreira desses indivíduos aparentados.

Investigadores proeminentes associados ao Strong Interest Inventory estão igualmente a moverem-se em novas direcções. O Strong inclui agora um relatório opcional que explica a importância do lazer, sugerindo "hobbies" e actividades recreativas que implementam os interesses de "tempo livre" do cliente (Hammer, 1991). Os relatórios poderão ser usados pelos conselheiros que são de opinião que os interesses estão para além do papel ocupacional. Outros investigadores estão a auxiliar técnicos a aprenderem como interpretar o Strong Interest Inventory com clientes oriundos de diversas culturas (Carter & Swanson, 1990; Fouad & Hansen, 1987). Campbell (1993) responsável pelo Strong-Campbell Interest Inventory, anunciou recentemente uma bateria integrada de inquéritos

psicológicos que avaliam os construtos centrais para a consulta psicológica de carreira pós-moderna, como habilidade ("skill"), trabalho de grupo ("teamwork") e, comunidade.

Ao mesmo tempo que os especialistas em inventários de interesse revêm as suas medidas de molde a que coincidam com as mudanças do pós-modernismo, outros psicólogos estão a projectar novas técnicas de consulta psicológica que intencionalmente implementem o perspectivismo. Estes novos modelos procuram transformar a consulta de carreiras numa disciplina interpretativa, na qual os técnicos ajudam os indivíduos a relatar a sua procura de sentido para a divisão do trabalho na sua comunidade (Savickas, 1993).

Esta transformação tem empenhado os conselheiros no desenvolvimento de novas técnicas de consulta enraizada em abordagens biográficas, hermenêuticas e construtivistas. Trabalhando na perspectiva do paradigma narrativo, os psicólogos (Cochran, 1991; Savickas, 1989) estão a idealizar novos métodos de consulta que possibilitam aos clientes actuarem como agentes na "escrita" das suas histórias de carreira. Esta abordagem partilha com as formas literárias, como a novela, a exigência da verdade através da particularização da experiência (Cascardi, 1992, p. 85). Enquanto os psicólogos narrativos realçam a elaboração do sentido e os temas de vida (existenciais), outros psicólogos pós-modernos estão a desenvolver modelos de consulta psicológica que destacam o contexto (Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986), porque entendem o desenvolvimento de carreira como um processo social (Young, Valach, Dillabough, Dover & Mattes, 1994). Por exemplo, Young e Collin (1988 & 1992) entendem o desenvolvimento de carreira como um sistema accional que rodiz sentido social através de uma interacção entre as intenções individuais e o contexto social. Um terceiro modelo pós-moderno para a consulta psicológica de carreiras filia-se na psicologia construtivista. Neimeyer (1992) e os seus colegas estão a desenvolver métodos de consulta centrados no modo como os clientes constroem as suas experiências vocacionais presentes. Procuram resolver os problemas do cliente através da reconstrução de sentido, opondo assumpções, desfazendo dicotomias e desafiando generalizações.

Embora o esforço de transformação já tenha começado, os psicólogos vocacionais devem continuar a inovar na avaliação psicológica da carreira e a elaborar novos modelos para a consulta psicológica de carreira, de maneira a que se posicionem como trabalhadores culturais na era pós-moderna.

CONCLUSÃO

À medida que nos aproximamos da viragem do milénio, as nossas sociedades movem-se para uma grande e nova oportunidade, ou posição, a partir da qual podem procurar entender o papel laboral e o desenvolvimento de carreira. As referências da era moderna, tais como a lógica positivista, a ciência objectivista e a industrialização, estão a ser questionadas à medida que nos descentramos da moderna perspectiva do "nós versus eles" para a multiplicidade pós-moderna de perspectivas. Todos os indicadores sugerem a mudança do paradigma da busca da verdade para a participação nas conversas, nos diálogos, na comunicação.

O texto que se apresentou procurou examinar a viragem pós-moderna que resultou em modificações ao nível da elaboração de uma nova postura filosófica face à ciência e à produção de conhecimento. Quatro novas orientações epistemológicas foram identificadas como expressões do perspectivismo que podem enriquecer a psicologia vocacional: (1) procura de uma objectividade forte através da declaração relativa ao por quem e para quem o conhecimento é produzido, (2) ênfase na utilidade das práticas para circunstâncias particulares, (3) privilégio da incrustação do indivíduo no contexto e das potencialidades oferecidas por este, e (4) "des-construção" de conceitos e definições aceites para se operar um decréscimo da hegemonia social. As implicações destas quatro orientações para a teoria, investigação e prática na psicologia vocacional foram articuladas, essencialmente, através do destaque dos conhecimentos particulares sobre as práticas com utilidade em contextos específicos e das mudanças da lógica proposicional para o paradigma narrativo, para a hermenêutica e para o construtivismo.

REFERÊNCIAS

- Bhaskar, R. (1989). *Reclaiming reality: A critical introduction to modern philosophy*. London: Verso.
- Borgen, F. (1991). Megatrends and milestones in vocational behavior: A 20-year counseling psychology retrospective. *Journal of Vocational Behavior, 39*, 263-290.
- Campbell, D. (1993). A new integrated battery of psychological surveys. *Journal of Counseling & Development, 71*, 575-587.
- Carter, R. & Swanson, J. (1990). The validity of the Strong Interest Inventory with Black Americans: A review of the literature. *Journal of Vocational Behavior, 36*, 195-209.
- Cascardi, A. (1992). *The subject of modernity*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Cochran, L. (1991). *Life-shaping decisions*. New York: Peter Lang.
- Dix, J. (1992). Tacit knowledge about career development during the establishment stage (Doctoral Dissertation, Kent State University, 1992). *Dissertation Abstracts International, 53*, 1053-A.
- Featherstone, M. (1992). Preface - Cultural Theory and Cultural Change. In M. Featherstone (Ed.), *Cultural Theory and cultural change* (pp. vii-viii). London: Sage.
- Fouad, N. & Hansen, J. (1987). Cross-cultural predictive accuracy of the Strong-Campbell Interest Inventory. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development, 20*, 3-10.
- Fraser, N. (1992). The uses and abuses of French discourse theories for feminist politics. In M. Featherstone (Ed.), *Cultural theory and cultural change* (pp. 51-72). London: Sage.
- Gavin, W. (1992). *William James and the reinstatement of the vague*. Philadelphia: Temple University Press.

- Gergen, K. (1991). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- Gibson, E. J. (1982). The concept of affordances in development: The renaissance of functionalism. In W. A. Collins (Ed.), *The concept of development. The Minnesota symposia on child psychology* (Vol. 15, pp. 58-81). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Grosz, E. (1988). The in(ter)vention of feminist knowledges. In B. Caine, E. Grosz & M. Delapervanche (Eds.), *Crossing boundaries* (pp. 92-104). Sydney, Australia: Allen & Unwin.
- Gruber, H. & Vonéche, J. (Eds.) (1977). *The essential Piaget*. New York: Basic Books.
- Hammer, A. (Ed.) (1991). *Strong topical report manual*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press.
- Harding, S. (1991). *Whose science? Whose knowledge: Thinking from women's lives*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Hogan, R. (1983). A socioanalytic theory of personality. In M. Page (Ed.), *Nebraska symposium on motivation 1982: Personality - current theory and research* (pp. 55-89). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Holland, J. (1985). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Kuder, F. (1977). Career matching. *Personnel Psychology*, 30, 1-4.
- Krumboltz, J. & Nichols, C. (1990). Integrating the social learning theory of career decision making. In W. Walsh & S. Osipow (Eds.), *Career counseling: Contemporary topics in vocational psychology* (pp. 159-192). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Lather, P. (1991). *Getting smart: Feminist research and pedagogy within the postmodern*. New York: Routledge.
- Latour, B. (1987). *Science in action*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Luke, C. (1992). Feminist politics in radical pedagogy. In C. Luke & J. Gore (Eds.), *Feminism and critical pedagogy* (pp. 25-53). New York: Routledge.
- Neimeyer, G. (Ed.) (1992). Personal constructs in career counseling and development [Thematic Issues]. *Journal of Career Development*, 18, (3).

- Nespor, J. & Garrison, J. (1992). Constructing "relevance": A comment on Miller and Frederick's "postpositivistic assumptions and educational research". *Educational Researcher*, 21, 27-28.
- Osipow, S. (1990). Convergence in theories of career choice and development. *Journal of Vocational Behavior*, 36, 122-131.
- Parsons, F. (1909). *Choosing a vocation*. Boston: Houghton-Mifflin.
- Patterson, C. (1966). *Theories of counseling and psychotherapy* (Chapter 2: Williamson and the Minnesota point of view). New York: Harper & Row.
- Richards, L. (1881). *Vocophy*. Malboro: MA: Pratt Brothers.
- Richardson, M. S. (1993). Work in people's lives: A location for counseling psychologists. *Journal of Counseling Psychology*, 40, 425-433.
- Runes, D. (Ed.) (1983). *Dictionary of philosophy*. New York: Philosophical Library.
- Savickas, M. L. (1989). Career-style assessment and counseling. In T. Sweeney (Ed.), *Adlerian counseling: A practical approach for a new decade* (3rd. ed.) (pp. 289-320). Muncie, IN: Accelerated Development.
- Savickas, M. L. (1991). The meaning of love and work: Career issues and interventions. *Career Development Quarterly*, 39, 315-324.
- Savickas, M. L. (1993). Career counseling in the postmodern era. *Journal of Cognitive Psychotherapy: An International Quarterly*, Volume 7, Number 3, 205- 215.
- Savickas, M. L. (1994). Convergence prompts theory renovation, research unification, and practice coherence. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence career development theories* (pp. 225-257). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Savickas, M. L. & Lent, R. W. (Eds.) (1994). *Convergence in career development theories*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Schutz, A. (1973). *Collected papers: Volume 1, The problem of social reality*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Seling, M. (1980). Synchrisis: Investigations of a new assessment procedure. (Doctoral Dissertation, Iowa State University, 1979). *Dissertation Abstracts International*, 41, 2346.
- Shotter, J. (1992). 'Getting in touch': The meta-methodology of a postmodern science of mental life. In S. Kvale (Ed.), *Psychology and postmodernism* (pp. 58-73). London: Sage.

- Spokane, A. (1994). The resolution of incongruence and the dynamics of person-environment fit. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence in career development theories* (pp. 119-137). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Staats, A. (1991). Unified positivism and unification psychology: Fad or new field? *American Psychologist*, 46, 899-912.
- Super, D. (1953). A theory of vocational development. *American Psychologist*, 8, 185-190.
- Super, D. (1992). Toward a comprehensive theory of career development. In D. Montross & C. Shinkman (Eds.), *Career development: Theory and practice* (pp. 35-64). Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Vondracek, F., Lerner, R. & Schulenberg, J. (1986). *Career development: A life-span developmental approach*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Vondracek, F. & Fouad, N. (1994). Developmental contextualism: An integrated framework for theory and practice. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence in career development theories* (pp. 207-214). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Wagner, R. & Sternberg, R. (1985). Practical intelligence in real-world pursuits: The role of tacit knowledge. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 436-458.
- Walsh, W. & Chartrand, J. (1994). Person-environment fit: Emerging directions. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence in career development theories* (pp. 187-195). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Young, R. & Collin, A. (1988). Career development and hermeneutical inquiry. Part I: The framework of a hermeneutical approach. *Canadian Journal of Counselling*, 22, 153-161.
- Young, R. & Collin, A. (Eds.) (1992). *Interpreting career: Hermeneutical studies of lives in context*. Westport, CT: Praeger.
- Young, R., Valach, L., Dillabough, J., Dover, C., & Matthes, G. (1994). Career research from an action perspective: The self-confrontation procedure. *Career Development Quarterly*, 43, 185-196.